

TEORIAS DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL: INTERPRETAÇÕES HISTÓRICAS E CONCEPÇÕES ATUAIS

THEORIES OF LITERACY IN BRAZIL: HISTORICAL AND CONCEPTS CURRENT INTERPRETATIONS

Daiane Rodrigues Almeida
(Universidade Feevale)

Lisiane Oliveira Menegotto
(Universidade Feevale)

Rosemari Lorenz Martins
(Universidade Feevale)

Resumo: As práticas de alfabetização têm sido insuficientes para atender às demandas educacionais, tanto se pensarmos na realidade atual, quanto se nos voltarmos para a história da alfabetização no Brasil. Considerando as necessidades educacionais em acelerada transformação, este artigo tem como objetivo analisar os principais métodos de alfabetização utilizados no contexto brasileiro. Assim, o modo como as ideias centrais, referentes ao uso das teorias utilizadas no processo de alfabetização, vão sendo modificadas, acaba sendo o fio condutor para a justificativa do uso de um ou outro método de ensino. A opção pela pesquisa bibliográfica e pela abordagem qualitativa possibilitou o acesso aos métodos silábico, fônico e global bem como, ao conceito de letramento. As conclusões indicam que a união desses distintos aportes teóricos, utilizados em consonância, converge para o que hoje é visto como método misto de alfabetização.

Palavras-chave: Alfabetização. Escrita. Leitura. Métodos de Alfabetização.

Abstract: Pedagogical practices regarding literacy have been insufficient to meet educational demands, both if we think about the current reality and if we turn to the history of literacy in Brazil. Considering the educational demands in accelerated transformation, this article aims to analyze the main literacy methods used in the Brazilian context, especially because the way the central ideas, referring to the use of the theories used in the literacy process, are being modified, ends up being the guiding thread for the justification of the use of one or another teaching method. The choice of bibliographic research and qualitative approach allowed access to syllabic, phonic and global methods, as well as to the concept of literacy. In addition to situating the most used methods for literacy in Brazil, the conclusions indicate that the unions of these different theoretical contributions, used in consonance, converge to what is now seen as a mixed method of literacy.

Keywords: Literacy. Literacy Methods. Reading. Writing.

Introdução

Não se pode atribuir a uma só causa os problemas de alfabetização no Brasil, visto que vários fatores se relacionam com essa temática, entretanto, uma interpretação se destaca de entre outras: o método utilizado para alfabetizar. Fator que tem sido sempre um ponto de discussão, pois deriva de diferentes concepções sobre o objeto da alfabetização (Soares,

2018). A questão metodológica não é o item fundamental da instrução, é apenas uma ferramenta. Entretanto, é essencial saber tirar todos os proveitos dos métodos, assim como conhecer a limitação de cada um.

Para que se possa, efetivamente, compreender o movimento pragmático que culmina no uso da escrita em práticas sociais, é imprescindível averiguar as teorias que sustentam os métodos de alfabetização. É elementar pensar também sobre como uma proposta de metodologia se conjuga com a maneira como o sujeito constrói sua aprendizagem a respeito da leitura e da escrita. Outra causa de divergência é a adoção do conceito de letramento. Consequência do desenvolvimento social, que ganhou visibilidade através das demandas de leitura e escrita nas práticas sociais e profissionais, gerando a necessidade de diferentes habilidades relacionadas a ler e escrever (Soares, 1986).

Aprender é uma ação individual. Cada um aprende de acordo com suas características e habilidades. A organização da aprendizagem é criada pelo sujeito. A aquisição da língua escrita sofre influência de diversos fatores: sociais, culturais econômicos e políticos. É ilusório pensar que métodos atuem independentemente da interferência desses fatores (Soares, 2018). Assim, é importante conhecer as estratégias sugeridas por diferentes agentes da educação, sem que se atribua a eles valores absolutos, levando-se em conta demais fatores que influenciam e determinam o processo de alfabetização.

Como o assunto é extenso e confuso, existindo grande literatura sobre o tema, apresentamos, neste artigo, os pontos mais importantes relacionados aos principais métodos difundidos no Brasil, conhecimento necessário para a compreensão da discussão atual sobre a “desmetodização” da alfabetização, que leva ao uso do chamado método misto. Algumas vezes, é preciso retomar algumas questões básicas e, de certa forma, rever a história, retomando a visão correta dos acontecimentos. Para isso, é necessário repensar alguns pontos centrais a respeito da aprendizagem e ensino dos métodos. Em seguida, apresentamos uma tendência atual, que sugere que a combinação de diferentes saberes, contidos nas distintas metodologias e conceitos que, em consonância com a habilidade do alfabetizador, podem promover a apropriação do sistema alfabético e seu concomitante uso social.

Breve histórico

A discussão sobre o método de alfabetização mais eficaz é uma questão bastante abordada nas pesquisas que tratam sobre o tema (Braslavsky, 1988). O termo *método*

caracteriza algo formulado por um criador destinado a alguém, nesse caso, alguém que ainda não se apropriou do sistema alfabético, como uma coleção de orientações pedagógicas, que determinam objetivos e meios para alcançá-los.

Segundo Chartier e Hebrard (2001), os métodos silábico e global foram criados entre 1880 e 1930. A eficácia desses métodos, todavia, foi discutida por outros métodos que surgiram posteriormente, culminado na *guerra dos métodos*, que ocorreu na década de 1960. É de extrema relevância pontuar que a mudança nas propostas metodológicas relacionadas à alfabetização não aconteceu apenas no Brasil. Ela pode ser identificada também em outros países. Entretanto, pretende-se aqui contextualizar as situações relevantes para o contexto de alfabetização brasileiro.

Entre o final do século XIX e o início do século XX, abriram-se, no campo dos métodos, duas vias para a aprendizagem da leitura e da escrita, alternando-se na prática pedagógica até os anos 1980 (Soares, 2018). De certo modo, foi-se dando valor ao som das letras e das sílabas, o que remete aos métodos fônico e silábico.

O método silábico nasceu do descrédito dos métodos de soletração. No entanto, com ele, o aprendiz não deixa de usar a sílaba, mas exige-se um esforço maior da memória. Nesse método, as letras são extraídas de palavras de apoio e combinadas com imagens que, por sua vez, são o suporte da letra que lhe é extraída (Chartier; Hebrard, 2001). Já o método fônico nasceu com professores alemães (Moraes, 1995), essa abordagem de alfabetização ensina a relação entre letra e som. Esse sistema tem como objetivo o desenvolvimento de estratégias metafonológicas e o ensino da correspondência entre grafema e fonema.

No Brasil, na década de 1980, ocorreu grande disseminação das pesquisas de Emília Ferreiro e de seus colaboradores, as quais até hoje influenciam o processo de alfabetização no país. Ferreiro embasou seus estudos em leitura e escrita sob a ótica da Epistemologia Genética, baseando-se no construtivismo de Piaget (Ferreiro, 1985; Ferreiro; Teberosky, 1986). A partir desses estudos, então, o centro das discussões deixou de ser o método de ensino para centrar-se no processo de aprendizagem, uma vez que o construtivismo não se apresenta como um método, mas como uma *revolução conceitual* (Moratti, 2006).

Em suas pesquisas, Emília Ferreiro, descreveu três períodos conceituais da escrita da criança (Landsmann, 1995): no primeiro nível, inicia-se uma diferenciação entre o material gráfico icônico ou não icônico; no segundo, a criança formula a hipótese de que coisas diferentes devem ser escritas ou lidas de formas diferentes, o que leva a criança a ter noção de

quantidade e a fazer diferença entre letras na palavra; e, no terceiro nível, a criança começa a tentar dar valor sonoro às letras, o que a conduz a ter a noção do fonema na escrita. Nesse processo, no princípio, a criança forma uma hipótese silábica, fazendo uma letra equivaler a uma sílaba e, após, percebe que cada letra corresponde a um som, traçando sua escrita na hipótese alfabética.

Na pesquisa de Ferreiro e Teberosky (1986), o ponto central são os processos cognitivos da criança e sua proximidade com o sistema alfabético. A partir do enfoque dado à compreensão da escrita pela criança, a teoria de Ferreiro e Teberosky, contribui com a alfabetização no que se refere à área da linguagem, podendo esta, ocorrer como produto do letramento.

Como consequência da mudança de perspectiva fomentada pelo construtivismo, introduziu-se o conceito de letramento e, com isso, surgiram inúmeras discussões a respeito de seu contexto. Foi Kato quem utilizou, como citação, o termo letramento em produção brasileira pela primeira vez em 1986 (Kato, 1998). O letramento não se refere ao estado de quem sabe ler ou escrever, mas de quem exerce práticas sociais de leitura e escrita que circulam na sociedade em que vive, conjugando-as com as práticas de interação oral. Assim, o uso do termo letramento não se limita à alfabetização, mas envolve habilidades para fazer uso dela (Soares, 1986). Para ser letrado, não basta saber ler e escrever.

O fato é que, nos anos 1980, as fronteiras entre o ensino e aprendizagem da escrita se estendem como consequência do desenvolvimento social e cultural, atraindo olhares para as demandas de leitura e escrita nas práticas sociais (Soares, 1986). Nesse caso, o conceito de letramento complementa o de alfabetização. Da mesma maneira que uma pessoa pode ser alfabetizada e letrada, pode ser alfabetizada e pouco letrada. Isso porque a pessoa pode não conseguir dar conta das demandas sociais que envolvem a leitura e a escrita. Assim, o ideal é alfabetizar para fins práticos e sociais, fazendo com que o sujeito possa atuar em diversos setores que fazem parte de seu cotidiano (Soares, 2018).

O Método Silábico

Não podemos negar que o método silábico possui fama notória no Brasil. Nesse método, primeiramente, são expostas sílabas com combinação entre consoante e vogal (CV). Frade (2007), ao estudar a histórias dos métodos, salienta que a opção por apresentar primeiramente a estrutura de sílaba deve-se à ideia de partir do “mais fácil” (sílabas simples)

para o “mais difícil” (sílabas complexas) (Frade, 2007). Em outras palavras, a razão por creditar a ele maior efetividade está na fonética/fonologia, pois parece ser mais fácil pronunciar, perceber e segmentar a sílaba pelo fato de as consoantes serem impronunciáveis.

No método silábico, não ocorre uma memorização das sílabas aleatoriamente, elas são ensinadas a partir de uma palavra base e associadas a figuras. Mostra-se, então, como fazer um estudo oral, para o qual são apresentadas palavras-chave usadas para introduzir as sílabas e seus sons, sendo a figura o apoio para a letra/som que dela são retirados e transformados em famílias silábicas. Nesse processo, a memória é uma habilidade necessária em conjunto com a leitura e a escrita. Como exemplo, pode-se pensar na palavra e na figura BALA. Dessa palavra, isola-se a letra B e, combinando-a com as vogais, formam-se cinco sílabas (ba, be, bi, bo, bu). Conta-se, então, com a memória associada aos significados das figuras associadas às sílabas apresentadas ao aluno. Essa é a base de ensino do método silábico.

Ao realizar um estudo sobre a aquisição de linguagem e consciência fonêmica, Cardoso-Martins (1991) desenvolveu uma pesquisa com 32 crianças que se alfabetizaram através do método fônico e 26 que se alfabetizaram através do método silábico. Ela concluiu que os participantes que foram estimulados através do método silábico tiveram desempenho superior em leitura e escrita. Para a pesquisadora, esse fato é justificado pelo apoio na sílaba para realizar a leitura e a escrita e porque as regras de correlação entre fonema e grafema são, hipoteticamente, significativas após o período introdutório da alfabetização. O mesmo estudo sugere que variações na consciência fonêmica podem não ser significativas para a leitura e a escrita quando se utiliza o método silábico para a alfabetização. Ao observar as proporções de sílabas lidas ou escritas corretamente, tanto pelos alfabetizados por meio do método silábico quanto dos alfabetizados pelo método fonológico, as crianças que aprenderam a ler pelo método silábico apresentaram melhor desempenho nas tarefas de leitura e escrita (Cardoso-Martins, 1991).

Nesse sentido, é razoável pensar que o método silábico proporciona, ao menos no início do processo de alfabetização, maior fluência por depender menos do uso de regras de correspondência grafema-fonema ao ler e escrever palavras desconhecidas, tendo como um facilitador a naturalidade articulatória da sílaba. Segundo Rego (1995), uma hipótese para a possível anulação das diferenças quanto à consciência fonológica pelo uso dos métodos seria que aqueles que se alfabetizam por método silábico fazem reconhecimento a partir de

estruturas linguísticas claras, privilegiando o progresso da consciência fonológica (Rego, 1995).

O Método Fônico

Em 2003, com a publicação do *Relatório Final do Grupo de Trabalho Alfabetização: os novos caminhos*, o método fônico conquistou visibilidade no Brasil. Tal material foi elaborado com o propósito de investigar a situação da alfabetização e expor orientações que trouxessem melhorias para o sistema escolar brasileiro (Beliante, 2006). Esse método de alfabetização visa ensinar a correspondência entre letras e seus sons e desenvolver a consciência fonológica (CF), que consiste na habilidade de manipular os sons da fala (Capovilla; Capovilla, 2010). Busca-se, então, diminuir essas dificuldades com atividades de estímulo da CF no percurso da alfabetização. Se associado ao ensino das letras e de seus sons, tem efeito positivo na apropriação da leitura e da escrita.

Defensora do paradigma fonológico, Ehri (2005) tem como critério para identificar as fases de desenvolvimento da escrita, a relação entre o fonológico e o alfabético (Ehri, 2005). As fases apresentadas pela pesquisadora são: *Fase pré - alfabética*: em que a criança lê palavras apoiando-se em pistas visuais; *Fase parcialmente alfabética*: em que estabelece algumas relações entre a escrita e a pronúncia; *Fase plenamente alfabética*: o aprendiz já domina a maior parte das correspondências, sabe segmentar palavras e pode ler qualquer tipo de palavra; *Fase alfabética consolidada*: a leitura já é automática e tem fluência (Ehri, 2005). Em outras palavras, o paradigma fonológico tem por base o entendimento de que, para uma criança ler e escrever, ela precisa aprender que as letras representam sons na pronúncia das palavras (Cardoso-Martins; Corrêa, 2008). Para Soares, 2018, no quadro do paradigma fonológico:

[...] a fase em que a criança ainda não revela conhecimento sobre o sistema alfabético não tem importância relevante no processo de desenvolvimento da escrita; ao contrário, no quadro do paradigma construtivista, esta fase representa o momento inicial de desenvolvimento da escrita (Soares, 2018, p. 79).

O paradigma fonológico, através do método fônico, tem se mostrado adequado para a alfabetização de crianças com ou sem dificuldades de aprendizagem (Zorzi, 1998). Pesquisas (Lara; Trindade; Nemr, 2007; Lavra-Pinto; Lamprecht, 2010; Azevedo; Pinto; Guerra, 2012; Barby; Guimarães, 2013; Aleixo, 2014) têm apontado resultados positivos com relação ao uso

do método fônico com crianças com desenvolvimento típico e com comprometimento intelectual. Como exemplo, podemos citar Aleixo (2014), que relatou benefícios de um programa de instruções fônicas. Esses benefícios foram evidentes em termos de reciprocidade entre a escrita e a consciência fonológica.

Esses resultados são explicados pelo fato de que o método fônico fornece para a criança habilidades de codificação e decodificação fonológica. Tal fato é concebido por Scliar-Cabral (2012) como um mecanismo que é pré-requisito para a leitura, existindo uma influência recíproca e cumulativa. Desse modo, após adquirir habilidades básicas de decodificação, o sujeito possui o conhecimento necessário para dar seguimento ao processo de aquisição da leitura, precisando praticar para adquirir fluência.

Assim, é necessário um ensino para que a criança desenvolva as habilidades essenciais para a leitura e a escrita, contendo exercícios de consciência fonológica (Landsmann, 1995). Uma proposta de alfabetização através do método fônico, desenvolvida por Seabra e Capovilla (2010), que pode ser encontrada no Livro de *Alfabetização Fônica - construindo competências de leitura e escrita*, sugere que, primeiramente, sejam apresentadas as vogais, consideradas mais fáceis por apresentarem semelhanças entre o nome da letra e seu “som”.

No método fônico, é importante ensinar primeiro as palavras regulares, as palavras que possuem influência sonora por sua posição e, após, palavras irregulares. Essa ordem decorre do fato de que o ensino das palavras irregulares, no princípio da alfabetização, pode confundir o aprendiz, impossibilitando-o de perceber a relação entre letra e som (Moraes, 1996). Contrapondo essa ideia, Cagliari (2005, p. 47) considera que,

para uma criança que não sabe ler nem escrever, qualquer palavra é igualmente difícil, não há nenhuma palavra fácil. [...] somente depois que aprendemos algumas tantas coisas é que vamos descobrir que certas palavras (por serem familiares a nós) são mais fáceis de escrever do que outras. [...] A letra X só é difícil para quem já sabe escrever e tem uma certa prática, mas ainda confunde com a grafia de certas palavras (Cagliari, 2005, p. 47).

A posição de Cagliari (1996) é a de que a criança aprende a escrever escrevendo, assim como aprende a falar, falando. Já para Moraes (1996), a associação entre letra e som da fala é complexa, visto que a escrita não é o reflexo da fala.

De qualquer modo, para que ocorra uma leitura fluente, é necessária a compreensão do texto, sendo necessário o reconhecimento rápido do que está escrito. Nesse caso, se o

sujeito não for capaz de reconhecer os traços que diferem uma letra da outra, terá dificuldades diante de palavras novas e, ao chegar ao reconhecimento dessas palavras, o sentido do conteúdo lido e armazenado anteriormente, se perderá. Logo, para compreender o que lê, o sujeito não deve hesitar no reconhecimento de letras e em seus valores sonoros (Zorzi, 1998).

Assim, o ato de ler, sistematicamente, fomenta no leitor a formação de esquemas cognitivos, refletidos no vocabulário (Scliar-Cabral, 2003). Para que se possa compreender um texto, faz-se necessário conhecer metade do vocabulário contido nele, pois, se a informação nova for excessiva, a sobrecarga para constituir sentido se tornará intransponível.

O Método Global

Em outra medida, a abordagem pelo método global dá-se pela identificação visual da palavra. Tal método pressupõe que é mais adequado ensinar a palavra como um todo, não dando ênfase para unidades menores, ensinando, dessa maneira, palavra e significado. Aos apoiadores do método global, conhecer a relação letra e som seria uma consequência que ocorreria apenas após o reconhecimento das palavras estar consolidado (Chartier; Hébrard, 2001).

Em geral, métodos globais começam com palavras, com textos. Não seria necessário o ensino sistemático das unidades menores, pois o aprendiz chegaria a esse entendimento em uma segunda etapa. Para Seabra e Dias (2011), os estudiosos desse método acreditam que essa prática evita submissão a protocolos estruturados, como o método fônico e seu ensino da relação entre letra e som.

No ensino através do método global, evidencia-se o fato de que a leitura não deve ser focada na decodificação, os aprendizes devem ser incentivados a descobrir o que está escrito a partir de pistas e, como já mencionado, a leitura deve ocorrer através de palavras significativas para a criança. Ao fazer uma análise sobre as primeiras cartilhas a apresentarem o método global, Scliar-Cabral (2003) observa que as características textuais se encontram completamente deslocadas, com marcas de pontuação inadequadas, não havendo preocupação com dificuldades grafêmicas a serem apresentadas para as crianças.

Para Frade (2005), os mentores do método global defendem que a linguagem funciona como um todo e que a criança primeiro percebe esse todo para depois observar as partes; ao ler, o leitor utilizaria estratégias globais de reconhecimento, porque palavras familiares têm valor afetivo para as crianças. O método global não faz relação com os

princípios da língua como acontece no método fônico, de modo que muitos sujeitos não conseguem compreender a relação entre letra e som.

Na atualidade, Magda Soares, em seu livro *Alfabetização a questão dos métodos*, salienta que, independentemente do discurso pedagógico, métodos silábicos, métodos fônicos e métodos globais persistem, ou mesmo se fundem, gerando o que denomina “método misto” (Soares, 2018).

Letramento, Alfabetização e os Métodos

Em função das mudanças relacionadas à maneira de pensar o acesso à leitura e escrita em nosso país, houve o aparecimento do termo letramento ao lado do termo alfabetização (Soares, 1996). O significado da palavra letramento ainda não é conhecido por todos. Entretanto, a compreensão do estado ou da condição de quem responde funcionalmente às demandas sociais através do uso da leitura e da escrita vem tornando-se conhecida aos poucos em nossa realidade.

Atualmente, discute-se o fato de que não é apenas a alfabetização que faz com que o aprendiz ingresse no mundo da cultura escrita. A alfabetização passa a ser complementada por aspectos interativos e socioculturais, essa duas constituindo o letramento (Soares, 2018).

Nesse sentido, o constituinte da aprendizagem da língua escrita resulta tanto na alfabetização quanto no letramento, sendo esses dois constructos em separados apenas componentes dessa aprendizagem (Soares, 2018). Em outras palavras, construir apenas um desses saberes não torna uma pessoa leitora e, concomitantemente, habilidosa no que se refere ao conhecimento de leitura e à escrita necessário para uma efetiva participação nos eventos de letramento, rotineiros da vida atual.

No entanto, é necessário citar que, no Brasil (e em âmbito internacional), tem se dado ênfase ao método utilizado para chegar à alfabetização. Sendo este, muitas vezes, considerado suficiente para garantir o uso hábil da leitura e da escrita. E, assim, ocorre a valorização, ora, apenas de um método, ora, apenas de outro método.

Nesse cenário, cabe citar as reflexões de Adams (1990), que salienta que, embora sejam muito importantes as correspondências entre letras e sons, sozinhas, elas não bastam para levar o aprendiz ao uso pleno do conhecimento de leitura e escrita (Adams, 1990). Nesse mesmo sentido, Ehri (2014), observa que “[...] O ensino das relações fonema-

grafema precisa ser combinado com outros componentes essenciais, para criar um programa de alfabetização completo e equilibrado” (Ehri, 2014. p. 433).

Na perspectiva do “alfabetizar letrando”, o sujeito aprende com base em textos verdadeiros que lhe forem apresentados, palavras extraídas desses materiais, logo, dentro de um contexto. E, assim, aprende a identificar o uso social e cultural da leitura e da escrita, vivenciando distintos episódios de letramento.

Método Misto

Em termos gerais, há uma dificuldade histórica em definir o que se deve entender por método de alfabetização (Soares, 2018). Entretanto, no contexto atual, as divergências entre o construtivismo e o método fônico parecem estar em destaque.

Em resposta a esse “contexto atual” em torno da alfabetização, há uma nova tendência em que se entende por método os procedimentos que, embasados por teorias, norteiam a aprendizagem inicial da leitura e da escrita, tendo como ponto de partida a noção de que a aprendizagem do sistema alfabético demanda algumas habilidades cognitivas além de conhecimento linguístico (Soares, 2018).

Desse modo, os estímulos destinados ao aprendiz acabam por aguçar as funções cognitivas e linguísticas que, quando bem desenvolvidas, resultam na aprendizagem da leitura e da escrita. O que, em termos gerais, pela complexidade da união dos procedimentos, não pode levar à adoção de um único método e é nessa dinâmica que a ação do docente, que desenvolve e desempenha diversas tarefas ao mesmo tempo, segundo diferentes teorias, constitui um ensino baseado em métodos mistos. O método misto, para Magda Soares (2018),

[...] é construído por aqueles/aquelas que alfabetizam compreendendo os processos cognitivos e linguísticos do processo de alfabetização, e com base neles desenvolvem atividades que estimulem e orientem a aprendizagem da criança, identificam e interpretam dificuldades em que terão condições de intervir de forma adequada – aqueles/aquelas que alfabetizam com método (Soares, 2018, p. 333).

De todo modo, não podemos deixar de considerar o consenso que sempre houve com relação à necessidade de fomentar a codificação e a decodificação corretas a fim de proporcionar a base da compreensão da produção de textos, além do seu uso nas práticas sociais.

Conclusões

A história da alfabetização no Brasil leva a crer que um dos motivos para o fracasso de alguns alunos deva-se às distintas metodologias testadas ao longo do tempo. Possivelmente, em função disso, houve uma persistente oscilação entre métodos. A opção pelo princípio da síntese, percebida nos métodos silábico e fônico, ora é substituída pelo princípio da análise, observada no método global, e vice-versa. Todavia, independentemente, do método adotado, o objetivo é a aprendizagem do sistema alfabético da escrita.

O que fica evidente, contudo, é uma mudança nos paradigmas de alfabetização com o surgimento do paradigma cognitivista, que, no Brasil, se perpetuou com o nome de construtivismo, abordagem difundida e sobretudo defendida a partir da obra de Emília Ferreiro. Mesmo com o entendimento de que as causas para as dificuldades de alfabetização naquela época, no Brasil, eram, acima de tudo, de cunho social, Ferreiro e Teberosky (1986) propuseram o que chamaram de “uma nova concepção do processo de aprendizagem da língua escrita”. Perspectiva em que o processo de aprendizagem da língua escrita se dá por meio de uma construção sistemática do sistema alfabético.

Na atualidade, novamente verificamos um revés no que se refere à alfabetização, o que se configura, mais uma vez, em função do fracasso escolar, que se caracteriza como uma dificuldade a ser resolvida. Em outras palavras, ressurgem a discussão sobre as metodologias utilizadas na alfabetização mesmo que sob diferentes aspectos, talvez mais elaborados. Além de discordâncias sobre métodos, que hoje envolvem os conceitos de letramentos, deparamo-nos com as dúvidas sobre as necessidades de, de fato, adotar-se um método. Em suma, vivemos uma tendência à desmetodização ou ao uso de métodos mistos.

Por fim, se o método é o meio para chegar à alfabetização, é importante conhecer o caminho, as facilidades e dificuldades das demandas relacionadas ao desenvolvimento da aprendizagem da leitura e da escrita. Fato que se distingue de alfabetizar utilizando métodos tradicionais de alfabetização.

Nessa perspectiva, o alfabetizador tem por objeto de ensino diferentes constructos, sendo eles relacionados a habilidades de compreensão, interpretação, vocabulário além dos relacionados às questões socioculturais que abrangem o ensino das funções da escrita e leitura em diferentes eventos de letramento.

Referências

ADAMS, M.J. **Beginning to Read: Thinking and Learning about print.** Cambridge: MIT PRESS, 1991.

ALEIXO, B. L. **Consciência Fonológica e habilidades de escrita em indivíduos com Síndrome de Down:** um estudo longitudinal. 2014. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

AZEVEDO, C. C.; PINTO, C. S.; GUERRA, L. B. O desenvolvimento da Consciência fonológica em crianças com Síndrome de Down pode facilitar a alfabetização e contribuir para a inclusão no ensino regular? **Revista CEFAC**, v. 14, n. 6, Campinas, p. 1057-1060, out./dez. 2012.

BARBY, A. A. O. M.; GUIMARAES, S. R. K. Consciência Fonológica e aprendizagem da linguagem escrita em crianças com Síndrome de Down nas pesquisas brasileiras. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 26, n. 46, p. 293-306, maio./ago. 2013.

BELIANTE, C. Leitura e alfabetização no Brasil: uma busca para além da polarização. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 261-277, maio./ago. 2006.

BRASLAVSKY, B. O método: panacéia, negação ou pedagogia? **Cadernos de pesquisa**, n. 66, ago. 1988.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística.** São Paulo: Editora Scipione, 1996.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Algumas questões de linguística na alfabetização. **Revista Caderno do Professor**, Belo Horizonte, n. 12, p. 12- 20, 2005.

CAPOVILLA, A.G.S; CAPOVILLA, F.C. **Problemas de leitura e escrita:** como identificar, prevenir e remediar numa abordagem fônica. 6º ed. São Paulo: Fapesp/Memnon, 2010.

CARDOSO-MARTINS, C. Awareness of phonemes and alphabetic literacy acquisition. **British Journal of Educational Psychology**, p. 164-173. 1991.

CHARTIER, A.; HÉBRARD, J. Método Silábico e Método global: alguns esclarecimentos históricos. **História da educação.** ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas (10): 141-154, out. 2001.

EHRI, L.C. Learning to read Words: Theory, Findings and Issues. **Scientific Studies of Reading**, v. 9, n. 2, p. 88-167. 2005.

EHRI, L.C. Orthographic Mapping in the acquisition of sight word Reading, Spelling Memory, and vocabulary Learning. **Scientific Studies of Reading**, v. 18, n. 1, p. 5-21. 2014.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre a alfabetização.** Trad. Horácio Gonzales *et al.* São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1985.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Trad. Diana Myrian Lictecnstein *et al.* Porto Alegre: Artes Médicas (original de 1979, Los sistemas de escritura en el desarrollo del niño), 1986.

FRADE, I.C.A.S. Métodos e didáticas de alfabetização: história, características e modos de fazer de professores: **cadernos do formador**. Belo Horizonte: Ceale/FaE? UFMG, 2005.

FRADE, I.C.A.S. Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdo da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais. **Educação**, v. 32, n. 1, p. 21-40, 2007.

KATO, M.A. **A busca da coesão e da coerência na escrita infantil**. In: KATO, M.A. (Org.) *A concepção da escrita pela criança*. Campinas: Pontes, p. 193-206. 1998.

LANDSMANN, L.T. **Aprendizagem da linguagem escrita**: processos evolutivos e implicações didáticas. São Paulo: Ática, 1995.

LARA, A. T. M. C; TRINDADE, S. H. R.; NEMR, K. Desempenho de indivíduos com Síndrome e Down nos testes de consciência fonológica aplicados com e sem apoio visual de figuras. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 164-173, abr./jun. 2007.

LAVRA-PINTO, B.; LAMPRECHET, R. R. Consciência fonológica e habilidades de escrita em crianças com Síndrome de Down. **Pró-Fono Revista de atualização científica**, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 287-292, jul./set, 2010.

MORAIS, J. **A arte de ler**. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora da Unesp. (original em Francês de 1994, L'arte de lire. Paris: Odile Jacob). 1996.

MORATTI, M.R.L. História de alfabetização no Brasil. In: **Seminário de alfabetização e letramento em debates**. Brasília – DF: MEC/SEB. p. 1-14. 2006.

REGO, L.B. A relação entre a evolução da concepção de escrita da criança e o uso de pistas grafofônicas na leitura. In: **CARDOSO-MARTINS, C** (Org.). *Consciência fonológica e alfabetização*. Petrópolis: Vozes, p. 69-100. 1995.

SCLIAR- CABRAL, L. **Guia prático de alfabetização**, baseado em princípios do sistema alfabético do português do Brasil. São Paulo: Contexto, 2003.

SCLIAR- CABRAL, L. Avanços das neurociências para a alfabetização e a leitura. **Letras de hoje**. v. 48. n. 3, p. 82-277. 2013.

SEABRA, A. G.; CAPOVILLA, F. C.. **Alfabetização Fônica**: construindo competências de leitura e escrita. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

SEABRA, A. G.; DIAS, N. M. Métodos de alfabetização: delimitação de procedimentos e considerações para uma prática eficaz. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 28, n. 87, p. 306-320, 2011.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1986.

SOARES, M. Letramento em verbete: o que é letramento? **Presença pedagógica**. São Paulo, v. 2, n. 10, p. 15-25. jul./ago. 1996.

SOARES, M. **Alfabetização**: a questão dos métodos. 1. ed. 2 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

ZORZI, J.L. **Aprender a escrever**: a apropriação do sistema ortográfico. Porto Alegre: Artmed. 1998.